

# A CURVA DO SINO: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE JOVENS SEMINARISTAS

2013

**Janete Leony Vitorino**

Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC. Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Psicopedagoga pela Universidade do Sul de Santa Catarina UNISUL. Neuropsicopedagoga (em formação) pela Faculdade Porto das Águas - FAPAG. Desenvolve capacitações nas áreas educacionais e de Desenvolvimento de Pessoas, Preparação para Aposentadoria, Relacionamento Interpessoal, Ética profissional, Trabalho de Equipe, Emoções no Trabalho, Distúrbios e Transtornos de Aprendizagem, Gênero, Habilidades Sociais e Sexualidade. Atende como Psicóloga e Psicopedagoga no VIVENCIAR – Espaço de atendimento Psicológico e Psicopedagógico

E-mail:

[janetepsicologa@live.com](mailto:janetepsicologa@live.com)

---

## RESUMO

Este estudo de caso tem por finalidade expor a necessidade do trabalho da avaliação psicológica de forma preventiva para jovens que pleiteiam carreira em Instituições Religiosas, evitando-se assim, possíveis desencontros e contradições na escolha profissional. Foi utilizado como instrumento avaliativo a entrevista individual e o Teste Projetivo do Desenho da Figura Humana. Dezesete jovens com idade entre 13 e 22 anos dos quais, apenas dois possuíam características condizentes. Este tipo de avaliação foi realizado em uma Instituição religiosa de um dos estados da Região Sul do Brasil e é considerado pioneiro. Concluiu-se desta forma a necessidade evidente de avaliações psicológicas em Jovens que desejam ingressar em Instituições Religiosas.

**Palavras-chave:** Avaliação psicológica, teste projetivo, juventude, religiosidade

Quando afirmamos que ser humano é também ser religioso, queremos dizer que a abertura para o mistério, para aquilo que ultrapassa o imediato é básica na nossa existência. O ser humano, historicamente, de maneiras diversas, no tempo e no espaço, sempre se situou afirmativamente com relação ao Transcendente. Espantado diante da complexidade do real, da vida, da natureza, o ser humano lança-se em busca do absoluto, daquilo que está além das aparências, do contingente, do efêmero. O ser humano vive com sede de eternidade, sede daquilo que extrapola os limites do concreto da existência e, então, torna-se religioso de maneiras diferentes, na história e nos lugares diversos, dependendo de cada cultura.

A Organização Mundial de Saúde entende a saúde como "um estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou dor". Nesta definição, a "saúde mental" é entendida como um aspecto vinculado ao bem-estar, à qualidade de vida, à capacidade de amar, trabalhar e de se relacionar com os outros. Ao defini-la nesta perspectiva positiva, a OMS convida a pensar na saúde mental "muito para além" das doenças e das deficiências mentais. Apesar de se tratar de áreas distintas, alguns problemas relacionados com a saúde mental têm sido tradicionalmente vinculados de forma automática à deficiência, resultando num reforço da exclusão que costuma acompanhar ambas as condições. A abordagem do desenvolvimento inclusivo no âmbito da saúde mental procura alternativas que protejam os direitos humanos, sociais e econômicos das pessoas com problemas de saúde mental ou deficiência intelectual, fortalecendo a sua capacidade de auto cuidado e autonomia pessoal para uma vida independente. Segundo o Cardeal D. Eusébio Oscar Scheid, (2011):

“Na sociedade atual, hedonista e secularizada, a figura do Padre é objeto de muita discussão, inclusive através da mídia. Frequentemente, pessoas que pouco entendem do assunto, se permitem a audácia, talvez até com boa intenção, de dar sugestões sobre como deveria ser o sacerdócio católico. O Presbítero, habitualmente chamado pelo povo de Padre, possui o segundo grau do Sacramento da Ordem. Portanto, é Sacerdote, assim como o Bispo, que tem a plenitude deste Sacramento. Nesta reflexão, vamos considerar algumas razões para ser Padre, isto é, participante do Sacerdócio de Jesus Cristo, hoje e sempre.”

1º Ser homem, física e psicologicamente, sadio.

2º Ser pessoa de oração, portanto piedoso. Pietas, em latim, significa um devotamento filial aos pais. O Padre deve ter um afeto filial, carinhoso para com Deus, nosso Pai, e é a partir desse modelo, que ele vai buscar a delicadeza paterna, e materna, que demonstrará na sua experiência humana de diálogo com o mundo de hoje;

3º Ser uma pessoa culta. A formação intelectual de um Padre exige um mínimo de 7 anos de estudos universitários, incluindo as Faculdades de Filosofia e de Teologia;

4º Ser um verdadeiro pastor. Deve conhecer os problemas que se abatem sobre a humanidade, para dar a resposta pastoral necessária, dentro de uma visão eclesial coerente;

5º Ser um elemento de equipe, que saiba viver em comunidade e para a comunidade. Que nunca trabalhe só, a não ser nas coisas do trato direto com Deus. Tudo o mais seja feito em conjunto com a comunidade a que ele serve. Isto exige afabilidade, equilíbrio e capacidade de diálogo.

Desta forma acredita-se que uma intervenção psicológica preventiva em jovens que almejam ingressar na vida religiosa, possa oferecer satisfatória contribuição em uma formação religiosa mais consciente dos verdadeiros papéis e valores que habitam internamente um indivíduo que realiza esta escolha de vida. Os métodos utilizados foram: Entrevista e o Desenho da Figura Humana (DFH). Para tanto foram elencados como objetivos: Realizar acompanhamento de caráter preventivo de todos os jovens que estejam iniciando a vida religiosa, estendendo este atendimento concomitantemente aos formadores; Evitar conseqüências que possam afetar à qualidade de vida do jovem, da congregação, da família, e, conseqüentemente, da sociedade; Possibilitar um acompanhamento psicológico, proporcionando um fortalecimento no equilíbrio emocional rumo a suas expectativas pessoais, familiares, vocacionais, emocionais, profissionais e comunitárias, para que uma vez realizado a escolha pela vida sacerdotal possa compreendê-la de forma significativa, da realidade que o aguarda; Que este acompanhamento psicológico possa ter início no primeiro estágio, para um bom acompanhamento individual e coletivo dos participantes e formadores; Que as entrevistas e acompanhamentos individuais, proporcionem condições de traçar um perfil psicológico a respeito de perceber características, tais como: Conflitos pessoais e emocionais, história de vida, história da configuração familiar e motivações, que o levaram a esta escolha; Observação coletiva para acompanhar o desempenho individual de cada participante, com a finalidade de perceber características pessoais da ação e iniciativa na convivência comunitária; Que, possa ser levado em conta o tema da Campanha da Fraternidade de 2012 cujo tema é; “Saúde Pública”, onde esta saúde também perpassa a Saúde Mental, com instrumento de qualidade de vida e harmonia do ser humano com o meio em que vive. Avaliou-se 17 jovens, com idade variante entre 14 e 22 anos, os quais foram disponibilizados como horários avaliativos um momento durante o primeiro estágio. Momento este, compreendido como o primeiro contato do jovem com a congregação e as rotinas da mesma que corresponde uma semana de internato. Os momentos destinados às avaliações psicológicas corresponderam um sábado e um domingo das 14 às 16 horas.

Foi aplicado o Desenho da Figura Humana (DFH). O Desenho da Figura Humana consiste em um teste psicológico amplamente utilizado, tanto em pesquisa científica quanto na prática profissional psicológica, em várias áreas Hutz & Bandeira, (2000). Empregado inicialmente

como uma medida de desenvolvimento intelectual de crianças, a partir da elaboração de uma escala criada por Goodenough em 1926, sua aplicação com finalidade de avaliação da personalidade se iniciou em 1949, com a publicação de Karen Machover (1949), dos resultados de observações clínicas sobre a representação gráfica de figuras humanas, desenhadas por crianças e adultos com problemas psicológicos diversos. Machover (1949) baseou sua análise das figuras na teoria psicanalítica da dinâmica da personalidade e no conceito de projeção, fornecendo ao DFH o status de uma técnica projetiva.

Posteriormente, diversos autores contribuíram para os estudos acerca das técnicas projetivas gráficas, de modo geral, e do DFH em particular. No Brasil, destacaram-se os trabalhos de Van Kolck (1984), que desenvolveu estudos sistemáticos sobre esses instrumentos. Segundo essa autora, o desenho "se constitui em condição ótima para a projeção da personalidade" (Van Kolck, 1984, p.2), permitindo a investigação dos aspectos mais profundos e inconscientes do sujeito. Ela complementa afirmando que na elaboração de uma produção gráfica, manifestam-se mecanismos de projeção, introjeção e identificação, resultando em um material pessoal e que carrega significados simbólicos do mundo mental do sujeito. A linguagem gráfica possui a vantagem de oferecer maior confiabilidade do que a linguagem verbal, por estar menos submetida ao controle consciente do indivíduo, fornecendo informações mais verdadeiras e menos "disfarçadas" do que as obtidas por meio do discurso verbal. (Arzeno, 1995; Hammer, 1991).

Quanto ao Desenho da Figura Humana D.F.H., especificamente, seu significado psicológico fundamenta-se no conceito de imagem corporal, (Hammer, 1991; Van Kolck, 1984). Esta consiste na imagem que cada indivíduo tem de seu próprio corpo, não apenas de forma consciente, e que se constrói como produto da relação com os outros, em especial com a mãe no início da vida. Van Kolck (1984) salienta a importante influência que a imagem corporal exerce sobre o comportamento do indivíduo, incluindo sua agressividade, capacidade para contatos íntimos, atitude para com a gravidez, entre outros. A autora revela que a imagem corporal equivale ao conceito de si mesmo, o que tem implicações muito significativas sobre a forma de se compreender e avaliar o DFH: "A imagem corporal é projetada no desenho da figura humana e, conseqüentemente, o conceito de si mesmo" (Van Kolck, 1984, p.16). Mas, segundo a autora, o desenho pode ser também expressão de uma aspiração do eu, a projeção da própria imagem ideal, da atitude para com alguém do ambiente do indivíduo, ou ainda das atitudes e sentimentos para com o examinador ou para com a vida e a sociedade de modo geral. Portanto, a interpretação do teste requer a habilidade do psicólogo para investigar a expressão individual projetada em cada desenho, relacionando-a com o clima emocional da situação de testagem, com as associações verbais e não verbais do sujeito e com os dados colhidos por meio de outros instrumentos de avaliação psicológica.

É nesse sentido que o DFH, como uma técnica projetiva, converte-se em um instrumento clínico, submetido ao julgamento clínico do profissional que, de posse de outras informações

sobre o sujeito, obtidas por meio de entrevistas, observações, respostas a outros testes, reações à avaliação psicológica ou psicoterapia, pode tirar conclusões mais fidedignas sobre a personalidade total do indivíduo (Anastasi, 1977). Na pesquisa científica, o DFH é amplamente utilizado, principalmente por sua abrangência, simplicidade de aplicação e boa aceitação pelos sujeitos, (Hutz & Bandeira, 2000).

Participaram do estudo dezessete (17) jovens, com idades variando entre 13 e 23 anos, com nível de instrução primário e/ou médio incompleto. O nível socioeconômico variavelmente consistia em média é de baixa renda. Este último fator foi estimado pela renda familiar mensal, que variou entre 1 a 5 salários mínimos. Os participantes desta pesquisa foram jovens que pioneiramente realizavam processo de avaliação psicológica conjuntamente com seu processo de ingresso numa Instituição Religiosa. Esta instituição Religiosa era mantenedora de um colégio, onde os jovens poderiam concluir seus estudos. O período compreendido de todo processo avaliativo consistia de uma semana, onde os jovens ficaram hospedados e participando ativamente das atividades de rotina daquela instituição. Os integrantes foram informados acerca dos objetivos da referida avaliação que é considerada pioneira no sul do Brasil.

As entrevistas individuais e a aplicação do DFH ocorreram num final de semana sendo sábado e domingo das 14 às 16 horas. A aplicação do DFH seguiu, inicialmente, a técnica de Machover (1949), solicitando-se que o jovem desenhasse uma pessoa. Obteve-se, assim, um total de 17 desenhos. Na entrevista, solicitou-se que cada jovem falasse livremente sobre o desenho realizado. Para o presente artigo, serão abordados exclusivamente os resultados obtidos com a aplicação do DFH no período compreendido de pré estágio que aconteceu entre os dias 9 e 15 de janeiro de 2012. Desta forma, informamos que o DFH, como uma técnica projetiva, ainda não recebeu aprovação do Conselho Federal de Psicologia. Da mesma forma que sucedeu com a técnica de aplicação, a análise dos dados obtidos nesta pesquisa apresentou modificações em relação às formas convencionais de interpretação do DFH. Após o levantamento dos dados, estes foram analisados com base no referencial teórico psicanalítico. Aos participantes foram atribuídos “letras” ao lado das representações gráficas que são fictícias, garantindo-se assim o sigilo de suas identidades. A este estudo de caso, foi atribuído aos participantes e/ou seus responsáveis o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, concordando com a participação nesta pesquisa, bem como a publicação científica dos dados obtidos.

Apresentamos abaixo, as representações gráficas dos integrantes desta avaliação, que foram analisadas, conjuntamente com as entrevistas individualizadas para contextualização da mesma. Para tanto, não podemos deixar de citar que a adolescência é marcada pela necessidade de adentrar o mundo dos adultos. Tão próximo e parecido, mas ao mesmo tempo, estranho e inacessível ao adolescente. Desejar ser como um adulto, segundo Souza, 2009,

“porém simultaneamente diferente desse modelo, caracteriza um dos embates dessa fase em que ganham importância às modificações corporais, o surgimento explosivo dos hormônios da puberdade, o crescimento físico que fornece força antes nunca experimentada e a capacidade de usar o corpo de modo absolutamente novo”.

A partir disso, vamos descrevendo as principais características destas representações gráficas, dentro de um universo ainda novo para muito deles e que ao mesmo tempo gera um desafio e uma expectativa em torno do divino e do sagrado.



Fig. 1

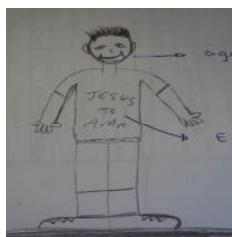


Fig. 2

Fig. 1 – “A” 14 anos – (Antes mesmo de conhecer o mundo religioso, já se vê como sacerdote)

Fig. 2 – “B” – 16 anos (A camiseta já traz a frase: “Jesus te Ama”, o que já parece configurar uma certeza)



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

Fig. 3 – “C” – 17 anos ( Esta figura remonta o ano 635, em Roma e foi considerado santo pela Igreja Católica – Desejo de ser santo?)

Fig. 4 – “D” – 14 anos – (O colar traz o símbolo da fé, porém, apresenta agressividade, dificuldade na escuta e pouca energia para tudo isso)



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

Fig. 5 – “E” – 13 anos (agressividade, infantilização e predisposição ao contato).

Fig. 6 – “F” – 14 anos – (alto índice de agressividade, buscando respostas na religiosidade)

Fig. 7 – “G” - 19 anos – (Predisposição ao contato com o outro)

Fig. 8 – “H” – 14 anos – (Ocultamento, segredos e desejo de agradar)

Fig. 9 – “I” – 17 anos – (Ocultamento, segredo, rigidez e controle)



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11

Fig. 10 – “J” – 15 anos – (Ocultamento, segredo. Deixando claro seu ponto de vista)

Fig. 11– “K” – 23 anos – ( Valorização do Intelectual em detrimento ao pulsional)



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14

Fig. – “L” – 12 anos – ( Ansiedade e agressividade no desejo. Contradições)

Fig. 13 – “M” – 13 anos – (Agressividade exacerbada, necessidade de preenchimento de espaços internos e boa escuta)

Fig. 14 – “N” – 13 anos – ( Imagem corporal distorcida)



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17

Fig. 15 – “O” – 14 anos – (Alto índice de agressividade e identidade persecutória)

Fig. 16 – “P” – 13 anos – (Ocultamento e contradições)

Fig. 17 – “Q” – 13 anos – (Agressividade, ocultamento e segredo)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a avaliação das representações gráficas do DFH e segundo o esquema de avaliação de Van Kolck (1984), procurou-se inicialmente verificar a existência de caracterizações semelhantes entre ambas. Foram observados os seguintes aspectos gerais: Posição da folha, localização na página e tamanho relativo. No aspecto estrutural, observou-se: Transparências, simetria, perspectiva e ação ou movimento. Em relação ao conteúdo, foram analisados os aspectos: Tamanho das partes do corpo, detalhes, presença de seios, de roupas e acessórios. Porém, não foram observadas semelhanças importantes entre os desenhos quanto a esses aspectos. Os desenhos realizados apresentaram características individuais, sem que se pudesse observar um padrão relativamente uniforme quanto aos aspectos descritos por Van Kolck (1984). Procurou-se analisar as representações gráficas com uma perspectiva de maior liberdade e ampliação, sem o uso de um esquema interpretativo como referencial único.

Mediante as 17 (dezesete) representações gráficas analisadas, pode-se perceber um índice de agressividade considerado inadequado para quem pretende seguir uma carreira dentro de uma ordem religiosa. Apresentou-se igualmente um índice de fantasia exacerbado (representações gráficas de pessoas com indumentárias religiosas). Outra característica relevante foi o grau de infantilização presente, mesmo em analisandos de idade mais avançada.

Conclui-se desta forma, que poucos jovens sabem realmente o que os aguarda dentro de uma rotina religiosa e a fantasia vai de encontro com a realidade, nos dias que seguem de confinamento. Observamos nas entrevistas com algumas familiares que muito deles gostariam de realizar o desejo em constituir um “filho religioso” e/ou “filho de Deus”, pois a partir disso seguiriam o “caminho correto”. Prova disso são as escutas: “Aqui ele estará longe das drogas”, “aqui ele vai aprender com ajudar as pessoas”, “aqui ele vai aprender a ter responsabilidade”, “aqui ele vai esquecer que gosta de meninos”, “aqui ele vai poder estudar e ser alguém”. Percebe-



se um desejo inicial pelo sacerdócio como sendo dos pais, ou responsáveis muito antes de ser do próprio jovem, o que acaba por contaminar o resultado de um estudo mais aprofundado.

Dos 17(dezessete) jovens analisados, apenas dois, possuíam as especificidades, que representavam uma escolha para vida sacerdotal. Desta forma, configura-se a necessidade e a indicação de avaliações psicológicas em jovens que desejam ingressar em instituições religiosas, para que cada vez mais tenhamos pessoas felizes e realizadas com suas escolhas.

## BIBLIOGRAFIA

SOUZA, Rogério Coelho de. Tempo de Enfrentamento. Ver. Mente e Cérebro, 2ª. Ed. Revista e atualizada. Duetto Editorial, São Paulo, 2009.

ANASTASI, A. (1977). *Testes Psicológicos*. São Paulo: EPU.

ARZENO, M. E. G. (1995). *Psicodiagnóstico clínico: Novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CAMPAGNA, V. N., & Faiman, C. J. S. (2002). O Desenho da Figura Humana no início da adolescência feminina. *Boletim de Psicologia*, 52(116), 87-104.

CARDOSO, L. M., & Capitão, C. G. (2009). Evidências de validade do Teste do Desenho da Figura Humana para o contexto da surdez. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 245-254.

CARIOLA, T. C. (2006). O Desenho da Figura Humana de crianças com bruxismo. *Boletim de Psicologia*, 56(124), 37-52.

FREITAS, P. G. (2008). *O Desenho da Figura Humana e o Desenho da Pessoa Doente na avaliação psicológica de crianças hospitalizadas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

FREUD, S. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp.85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1976).

HAMMER, E. F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TOLOR, A., & DIGRAZIA, P. V. (1977). The body image of pregnant women as reflected in their human figure drawings. *Journal of Clinical Psychology*, 33(2), 566-571.

VAN KOLCK, O. L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.

WINNICOTT, W. (1982). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

KÁTIA, Maheirie. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade: [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942010000200009...](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942010000200009...), acesso em 01-04-13